

Com Maria, a Mãe de Jesus, a Virgem na vida do Carmelo
Carta Circular dos Superiores Gerais
P. JOSEPH CHALMERS, OCarm, e P. CAMILO MACCISE, OCD
por ocasião dos
750 anos do Escapulário

1. Recebemos com grande alegria a carta de Sua Santidade o Papa João Paulo II sobre o lugar que ocupa Nossa Senhora no Carmelo. Inspirando-nos na mensagem do Papa, queremos também nós partilhar convosco algumas reflexões sobre a importância de Maria na espiritualidade carmelita.

2. A Virgem Maria, nossa Mãe, Padroeira e Irmã, é, sem dúvida, um dos maiores dons que recebemos de Deus e que partilhamos com a Igreja. Ela é parte essencial da nossa herança. Há uma preocupação generalizada em todos os ramos da nossa família carmelita de renovar a teologia e a espiritualidade, a devoção e o amor por Maria. Durante muitos séculos, a nossa devoção e amor para com Ela concentraram-se no Escapulário do Carmo. Os nossos frades e irmãs mais idosas lembrar-se-ão da celebração, em 1951, do aniversário dos 700 anos do Escapulário, caracterizada por uma calorosa recomendação do Papa Pio XII na carta que enviou aos Superiores Gerais das Ordens, *Neminem profecto latet*. É justo que, cinquenta anos mais tarde, reflitamos novamente sobre os dons de Maria ao Carmelo e examinemos o que significam hoje para nós e para a Igreja.

3. Estamos bem conscientes da difusão do Carmelo em todo o mundo. Está firmemente estabelecido nos cinco continentes, cada um com a sua própria história e cultura. Naturalmente, a forma como se entende a Mãe de Deus varia segundo o tempo, assim como, no passado, foi diferente de um século para outro. Reconhecemos que só podemos oferecer algumas ideias centrais e diretrizes, deixando a outros a tarefa de refletir sobre a nossa herança na respetiva cultura e partilhá-la na Igreja local.

Uma herança em diálogo

4. “As diferentes gerações do Carmelo, desde as origens até hoje, procuraram moldar a própria vida segundo o exemplo de Maria.”¹ Cada geração tem a responsabilidade não apenas de viver a herança do Carmelo, mas também de a enriquecer e comunicar. Uma herança é algo vivo que deve ser exposto ao mundo real e apresentado na verdadeira experiência da Igreja. A vida carmelita deve estar em constante diálogo com o presente e com o passado. De facto, as riquezas da nossa tradição devem ser preservadas, mas de tal forma que sejam relevantes e significativas para o presente. Convidamos todos os carmelitas a aproveitar a oportunidade de visitar o nosso passado, mas através de perguntas que brotem da nossa leitura dos sinais dos tempos e dos lugares.

¹ Carta do Papa João Paulo II, 25 março 2001, n. 2.

I. TEMAS CENTRAIS MARIANOS

5. O Carmelo vê Maria como Mãe, Padroeira, Irmã e Modelo — este último título particularmente associado à consideração de Maria como Virgem Puríssima. Estes não são meros títulos ou temas devocionais; de alguma forma, refletem a experiência das Ordens Carmelitas ao longo de muitos séculos. Convidamos todos os carmelitas a reconsiderar o testemunho daqueles que nos precederam e a examinar como podemos partilhar estas riquezas entre nós e com a comunidade carmelita em geral.

Mãe

6. Quando os primeiros carmelitas chegaram à Europa, a ideia de Maria como Mãe espiritual já era amplamente aceite, segundo os sermões do cisterciense Guerric d'Igny (+1157). Os carmelitas adotaram imediatamente este tema, invocando-a como sua Mãe e Virgem, como em *Flos Carmeli*: “Mãe terníssima, que não conheceu varão.”² Já na palavra “Mãe” está contida uma ideia essencial da nossa herança, ou seja, a relação com Maria, neste caso como filhas e filhas. O título de Mãe foi muito valorizado na Ordem, com a designação “Mãe e formosura do Carmelo”, ecoando Isaías 35, 2, sendo usado na liturgia do final da Idade Média.

7. Todos os santos carmelitas abordaram este tema de Maria como Mãe³. Santa Teresa de Lisieux declara memoravelmente: “Ela é mais Mãe que Rainha.”⁴ Durante muitos séculos, a liturgia carmelita demonstrou especial afeto pela cena evangélica ao pé da Cruz (Jo 19, 25-27), onde Maria se converte em Mãe associada ao oferecimento do seu Filho, doando-se a todos os homens na entrega que o próprio Jesus faz dela ao discípulo amado.⁵

8. Ao ver Maria como Mãe, sentimos o convite a refletir sobre a nossa relação com ela: ela cuida-nos como Mãe, nós amamo-la e respeitamo-la como filhas e filhas. Além disso, se a olhamos como Mãe, somos conduzidos ao seu Divino Filho e vivemos em obediência a Ele.⁶ Desde os primeiros tempos, os Padres da Igreja afirmaram que uma mariologia correta garante uma cristologia correta.

9. A nossa visão de Maria como Mãe e Formosura do Carmelo pode ser um dom importante para toda a Igreja. Há mais de um quarto de século, o Papa Paulo VI convidou os teólogos a considerarem o caminho da beleza como uma abordagem autêntica de Maria.⁷ Num mundo onde existe tanta aflição e fealdade, somos convidados a olhar para o alto e repousar na contemplação da beleza de Maria, pois

² “Mãe amável, mulher sem mancha.” Este hino é conhecido no Carmelo pelo menos desde os finais do século XIV.

³ Santa Teresa de Ávila escolheu Maria para sua mãe quando, aos doze anos de idade, perdeu a sua mãe biológica:

“Ao aperceber-me do que tinha perdido, fui muito aflita junto de uma imagem de Nossa Senhora e, banhada em lágrimas, supliquei-lhe que fosse ela a minha mãe. Foi uma prece feita com simplicidade, mas parece-me que me ajudou, pois tenho consciência de que encontrei esta Virgem soberana logo que me encomendei a Ela; enfim cativou-me para Si.” (*Vida* 1,7)

O Venerável Miguel de Santo Agostinho escreveu:

“Aquele que ama Maria com um exercício constante, adquire o hábito, ou prática, de tê-la como amorosa Mãe presente em sua mente, para que todos os seus pensamentos e afetos terminem nela e em Deus, e para que a pessoa não se esqueça nem da amorosa Mãe nem de Deus.” (*De vita mariae-formi et mariana in Maria et propter Mariam*, cap. 2).

⁴ *Últimos Conselhos e recordações* 21.8.3.

⁵ Carta do Papa João Paulo II, 25 março 2001, n. 3.

⁶ Regra 2

⁷ Acta Apostolicae Sedis 67(1975) 338.

ela é o “sinal de Deus em favor da Igreja nos seus primórdios, e a promessa da sua perfeição como esposa de Cristo, radiante de beleza”⁸. Encorajamos os nossos teólogos a refletirem mais sobre esta área algo negligenciada da mariologia carmelita.

Padroeira

10. O título de Padroeira do Carmelo tem uma longa história na Ordem. A dedicação a Maria da primeira capela no Monte Carmelo, no meio das celas, é certamente um sinal de seu patrocínio, que, na época feudal, indicava relações e serviços recíprocos. Desde a chegada à Europa, por volta de 1230, e durante os 150 anos seguintes, o Carmelo teve uma existência algo precária. Nesse período, os frades aprenderam a confiar na ajuda e proteção de Maria. Foi-lhe confiada a própria sobrevivência da Ordem, e os irmãos tinham plena confiança na sua proteção e cuidado. Nas últimas décadas do século XIII, encontramos a ideia de que a Ordem Carmelita foi especialmente fundada para a honra e glória de Maria.⁹

11. Embora a linguagem do patrocínio possa não ter ressonância imediata em algumas culturas onde o Carmelo está presente, a realidade faz parte da nossa rica tradição mariana. O patrocínio implica uma relação recíproca: sabemos da solicitude de Maria para com a Igreja, o Carmelo e cada um de nós. Esta verdade é para nós fonte de confiança e esperança. Mas o patrocínio também recorda a nossa resposta: estamos para venerar, servir e amar a nossa Mãe e Padroeira. As Constituições primitivas, das quais existem cópias¹⁰, e os ordinários¹¹ são muito específicos em indicar modos de venerar Maria através de gestos, orações e celebrações¹². Desde o século XIII, encontramos a recitação frequente das antífonas *Salve Regina* e *Ave Maris Stella*¹³. Logo, a “*Estação do Sábado*” ocuparia lugar de destaque entre as devoções marianas da Ordem. Na Idade Média, era também comum celebrar muitas missas votivas em sua honra. Tudo isso mostra como os carmelitas veneravam a sua Padroeira.

12. Será um desafio para as comunidades locais encontrarem expressões adequadas da sua relação com Maria, de modo que se destaquem, no nosso tempo, a realidade do seu patrocínio — não necessariamente o termo em si.

⁸ *Missal Romano*, Prefácio da Imaculada Conceição.

⁹ Carta do Prior Geral Pierre de Millau ao Rei Eduardo I de Inglaterra em A. Staring, ed., *Medieval Carmelite Heritage* (Rome: Carmelite Institute, 1989).

¹⁰ Londres 1281—AOC 15(1950) 203-245; Bordeaux 1291—18 1953 123-185; Barcelona 1324, MHC 20-112.

¹¹ *Antiquum ordinis carmelitarum ordinale, saec. XIII*. Ed. Patrick de St. Joseph—*Études carmélitaines* (1912-1913) y *Ordinale de l'Ordre de N.-D du Mont Carmel* por Sibert de Beka. Ed. B. Zimmerman (Paris 1910).

¹² Havia também algumas orações antigas frequentemente usadas nas nossas comunidades, especialmente na nossa liturgia, que se referem à intercessão de Maria e à sua ajuda para a nossa salvação: Roga por nós, oh Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. (Ver *Constituições de 1294*, rubrica 40); Te rogamos, Senhor, concede aos teus filhos perfeita saúde de corpo e alma, e por intercessão da gloriosa e sempre bem aventurada Virgem Maria nos vejamos livres das tristezas presentes e gozemos das alegrias eternas (Ver *Constituições de 1281*); A oração, *Protege*, com a sua alusão ao patrocínio, foi alterada para: Protege, Oh Senhor, os teus servos com o auxílio da paz, e confiando na proteção da Bem aventurada Virgem Maria, livra-nos de todos os inimigos.

¹³ Ver Patrocínio de S. José, *Antiquum ordinis carmelitarum ordinale saec. XIII* (Tamines: Ducolot-Roulin, 1912) = *Études carmélitaines* (1912-1913), rúbrica 13; *Constituciones de 1324* rúbrica 3/6; *Ordinaire de l'Ordre de Notre-Dame du Mont Carmel* por Sibert de Beka, editado por B. Zimmerman (Paris: Picard, 1910) 5.

Irmã

13. Quando os Irmãos eremitas vieram para a Europa vindos do Monte Carmelo, foram chamados pelo povo, e referidos pelos papas, como “Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo”. Embora, no início, isso significasse apenas a sua origem — e outras Ordens da época também se considerassem irmãos de Maria —, os carmelitas tiraram como conclusão do seu título que, se são irmãos de Maria, então ela certamente é sua Irmã. Arnoldo Bostio (+1499), que sintetizou a nossa tradição primitiva, escreveu: “O humilde irmão do Carmelo pode exultar e cantar de alegria: ‘Vede! A Rainha dos céus é minha irmã; posso agir com confiança e sem medo.’”¹⁴

14. Embora o título de Irmã nunca tenha sido tão amplamente usado quanto os de Mãe e Padroeira, é importante observar que o Papa Paulo VI o utilizou ao falar de todos nós como filhos de Adão que têm Maria como Irmã¹⁵. Este título pode ter três vantagens para a reflexão carmelitana contemporânea. Assume a ideia, também presente em “Padroeira”, do terno cuidado de Maria e das relações fáceis e íntimas entre os Carmelitas e a Mãe de Deus. Apresenta Maria como nossa irmã mais velha, que nos precede na caminhada para a maturidade da fé. Além disso em algumas culturas, a ideia de Maria como Mãe espiritual pode ser difícil para certos povos, assim, o título de Maria como Irmã é mais acessível e atrativo. A condição de Maria como Irmã é algo que pode ser partilhado com grande parte da Igreja.

Modelo e Virgem Puríssima

15. A noção de Maria como modelo na sua condição de discípula é muito antiga na Igreja. Está presente em todas as épocas da história do Carmelo. Os nossos autores, antigos e modernos, procuraram mostrar que Maria é precisamente o modelo para a nossa vida de carmelitas. Assim, John Baconthorpe (+ c. 1348) escreveu um comentário sobre a *Regra* carmelita,¹⁶ no qual destacou a semelhança entre a vida de Maria e a do carmelita. Em determinada época, esta consciência do vínculo entre Maria e o Carmelo desenvolveu-se em representações artísticas, retratando Maria vestida com o hábito carmelita.

16. Maria é o exemplo para o carmelita, especialmente como Virgem Puríssima: *Virgo Purissima*. Temos abundantes reflexões sobre este título. A capa branca é um sinal da nossa imitação de Maria. A conhecida dedicação dos carmelitas à Imaculada Conceição e a defesa desta verdade fazem parte do amor do Carmelo pela Virgem, mas a sua pureza não se limita estritamente à castidade ou ao celibato. Maria é a pura, de coração indiviso, totalmente aberta a Deus (o modelo supremo de *vacare Deo*). De facto, o duplo objetivo do Carmelo, como está expresso no antigo documento *A Instituição dos Primeiros Monges*, pode encontrar em Maria a sua plena realização¹⁷.

¹⁴ *De patronatu* # 1533.

¹⁵ cf. Pablo VI, Exortação, *Marialis cultus* n.37.

¹⁶ MCH 193-199.

¹⁷ “Quanto a essa vida, podemos distinguir dois objetivos, um dos quais podemos alcançar, com a ajuda da graça de Deus, através de nossos próprios esforços e de uma vida virtuosa. Trata-se de oferecer a Deus um coração santo e puro de toda a atual mancha de pecado. Conseguiremos isso quando formos perfeitos e nos ocultarmos junto da torrente de Querit” (ver 1Re 17, 2-4) - “Isto é na caridade... O outro propósito desta vida é algo que somente a bondade de Deus pode derramar sobre nós: ou seja, saborear em nossos corações e experimentar em nossas mentes, não apenas depois da

17. Existem inúmeros textos carmelitas que apresentam Maria como o espelho perfeito do ideal contemplativo e como modelo de docilidade ao Espírito Santo¹⁸.

18. Para o Beato Tito Brandsma, Maria é o modelo de todas as virtudes e, por isso, duas vezes nossa Mãe. A sua vida é um espelho no qual podemos ver como devemos estar unidos a Deus¹⁹.

19. Desde o Concílio Vaticano II, temos sido incentivados a buscar uma devoção a Maria solidamente baseada na Sagrada Escritura²⁰. Se, no passado, escritores e pregadores carmelitas tendiam a enfatizar o miraculoso e o extraordinário, também temos, na nossa tradição viva, uma sobriedade que pode oferecer aos nossos contemporâneos uma imagem vital e, sobretudo, bíblica de Maria. Santa Teresa de Lisieux não se sentia atraída por pensamentos sobre Maria que não fossem baseados na verdade. Ela afirma que, se pudesse pregar um sermão sobre Maria, antes de tudo mostraria como pouco se conhece da Sua vida²¹. Pouco antes, tinha expressado os seus profundos pensamentos sobre Maria no seu poema *Por que te amo, Maria*²², no qual contempla com amor a Sua vida tal como é descrita nas Escrituras.

20. Os temas carmelitas centrais que estamos a considerar são muito importantes para uma compreensão correta do Escapulário carmelita, que passamos agora a abordar.

II. O ESCAPULÁRIO DO CARMO

morte, mas também durante esta vida mortal, algo do poder da presença divina e da felicidade da glória celeste.”. *Institutio primorum monachorum* 1,2 Texto inglês em B. Edwards, trad. y ed., *The Institute of the First Monks* (publicação privada de Carmelite Friars, Boars Hill, Oxford, 1969) 3-4.

¹⁸ “Eram assim as da gloriosíssima Virgem Nossa Senhora, a qual, estando desde o princípio elevada neste alto estado, nunca teve gravada na sua alma forma alguma de criatura, nem se moveu por ela, mas foi sempre movida pelo Espírito Santo.” S. João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo* (3S 2,10). Uma das mais eloquentes celebrações da pureza da Virgem encontramos-na em Santa Maria Madalena de Pazzi, por exemplo, no seu desenvolvimento do tema Maria como o Templo de Jesus: o pavimento foi a sua humildade e as paredes, as virtudes cardeais que nela resplandeceram. ‘Então me parecia que a plataforma deste templo era a sua mente elevada e o seu entendimento iluminado, quero dizer, da Virgem Maria. Havia também um altar; e este, eu compreendi, era a vontade da Virgem. E a toalha do mesmo altar era a sua puríssima virgindade. E o cibório, onde Jesus está, era o coração da Virgem. E diante do mesmo altar vi sete lâmpadas acesas, que eu entendia serem os sete dons do Espírito Santo, todos os quais estavam nela perfeitamente. E nesse mesmo altar havia doze belíssimos candelabros, que eu entendia serem os doze frutos do Espírito Santo que estavam nesta Virgem.’”, *Cuarenta Días* 14.

¹⁹ Cf. B. Tito Brandsma, Conferencia en el Congreso Mariano de Tangerloo, agosto, 1936: *Carmelite Mysticism, Historical Sketches*, Chicago, 1936, Conferencia IV, 52-53. “Não deveríamos pensar em imitação sem pensar em união, nem em união sem o pensamento da imitação. Cada uma flui para a outra, ainda que uma ou outra possam estar mais acentuadas em determinado momento. Precisamos manter ambas unidas numa unidade harmónica. Se queremos conformar-nos a Maria para gozar plenamente de uma relação com Deus segundo o seu exemplo, devemos ser outras Marias. Devemos permitir que Maria viva em nós. Maria não deve estar fora do carmelita, que deveria viver uma vida como a de Maria, vivendo com, em, por e para Maria.” Aqui, o B. Tito alude à vida mariana e mariforme ensinada particularmente pelos místicos dos Países Baixos, o Ven. Miguel de S. Agustín (+ 1684) e a Ven. Maria de S. Teresa Petyt (+ 1677).

²⁰ Ver Paulo VI, Exortação *Marialis cultus* (1974) n. 30.

²¹ *Últimos Conselhos e recordações* 21.8.3.

²² PN 54, “Porque te amo, Maria.”

21. Toda a revitalização do Escapulário carmelita exige que o consideremos no contexto mais amplo da relação do Carmelo com Maria. Segundo os nossos santos, é importante uma intimidade pessoal com a Mãe de Deus e um compromisso de tomá-la como modelo do discipulado cristão. As principais invocações de Mãe, Padroeira, Irmã e Modelo podem conduzir-nos a um conhecimento mais profundo de Maria e a uma relação mais íntima com Ela. Só a partir dessa perspectiva se pode compreender o Escapulário como um sinal que favorece o crescimento espiritual da vida cristã.

Origens do Escapulário

22. Deve continuar, nas nossas Ordens, a investigação histórica de cada aspeto do Escapulário. No entanto, independentemente de quaisquer conclusões futuras, podemos e devemos confiar no valor deste antigo símbolo, que se baseia numa venerável tradição²³. O que os carmelitas devem fazer é encontrar uma forma de apresentar o Escapulário tanto para aqueles que estão convencidos da historicidade da visão quanto para aqueles que não consideram haver uma prova histórica irrefutável. A verdade central da história da visão é a experiência vivida do Carmelo: Maria, a sua Padroeira, protegeu-o e garantiu a sua perseverança; a oração de Maria é poderosa para assegurar a vida eterna.

Um sacramental da Igreja e um sinal sagrado

23. O ato principal da Igreja institucional em relação ao Escapulário é a sua aprovação ao longo dos séculos, incluindo o mais recente *Rito de Bênção e Imposição do Escapulário da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo*²⁴. Unido ao significado espiritual das graças associadas ao Escapulário, existem também as obrigações assumidas por meio deste sinal de devoção à Santíssima Virgem²⁵: “A devoção a Nossa Senhora não pode limitar-se a orações e oferendas em sua honra em certas circunstâncias, mas deve constituir um ‘hábito’, ou seja, uma orientação permanente da própria conduta cristã, tecida de oração e vida interior, mediante a prática frequente dos Sacramentos e o exercício concreto das obras de misericórdia espirituais e corporais²⁶.”

24. Os sacramentais são descritos como sinais sagrados; portanto, pertencem ao mundo do símbolo e seu significado. Na nossa sociedade contemporânea, há o costume de se dizer que há uma crise do simbolismo religioso; ao mesmo tempo, as nossas sociedades podem ser profundamente movidas por um simbolismo secular. As bandeiras nacionais, por exemplo, têm grande significado para muitas pessoas. Os símbolos são coisas materiais ou imagens que indicam um sentido que os transcende. Muitas vezes, o seu significado, ou aquilo que evocam, reside no poder de nos interpelar em vários níveis: não apenas transmitem uma informação, mas também nos tocam ao nível dos sentimentos. Nos símbolos, podemos encontrar tanto crescimento como declínio. Os símbolos religiosos podem degenerar em algo mágico, se já não se transmite o seu significado espiritual ou teológico reduzindo-se a algo semelhante a um amuleto que traz boa sorte.

25. Os símbolos vivos necessitam de constante revitalização. Para nós, há quatro etapas na vida de um símbolo. Há uma experiência original, que dá origem ao

²³ Cf. Carta do Papa João Paulo II, 25 março 2001, n. 1.

²⁴ Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, 5 janeiro 1996.

²⁵ *Rito* n. 5.

²⁶ Carta do Papa João Paulo II, 25 março 2001, n. 5.

símbolo — no nosso caso, a experiência de proteção de Maria aos carmelitas e o poder da sua intercessão para a nossa salvação. Em segundo lugar há uma fase de formulação doutrinal ou de reflexão sobre o símbolo — o Carmelo considerou, sobretudo, o Escapulário à luz da compreensão de Maria como Padroeira, que cuidava dos seus Irmãos, que por sua vez, a serviam. Neste período, entendeu-se que o cuidado de Maria por nós, ia além da morte, manifestando-se especialmente na sua solicitude pela nossa salvação e pela rápida libertação do Purgatório. Uma terceira etapa da vida dos símbolos, ocorre quando se perde o contato com a experiência original. Neste tempo, ou se ignora o símbolo, ou se olha para ele com ceticismo, enquanto outras pessoas se apegam a ele cegamente, num tipo de apego que não considera a sua origem ou significado — esta última situação pode aproximar-se muito da magia. Por isso, em tempos de ceticismo, é necessária uma reconstrução reflexiva do símbolo. Esta quarta etapa é uma tarefa para cada geração. Precisamos de olhar para o Escapulário no contexto de toda a espiritualidade carmelita, especialmente em relação aos principais temas marianos.

26. Em particular, tal reflexão e reconstrução do símbolo do Escapulário implica que reconheçamos e assumamos o facto de que Maria é a nossa Padroeira, que cuida de nós como Mãe e Irmã. A nossa Mãe nutre a nossa vida divina e ensina-nos o caminho para Deus. A nossa Irmã caminha connosco na jornada de transformação, convidando-nos a fazer nossa a sua resposta: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Contudo, o patrocínio é uma relação de duplo sentido: recebemos o cuidado de Maria e, em resposta, somos chamados a imitá-la e a venerá-la através da nossa fidelidade ao seu Filho.

O hábito de Maria

27. O Escapulário é essencialmente um “hábito”. Aqueles que o recebem estão agregados ou associados, em vários graus, ao Carmelo, que está dedicado ao serviço de Nossa Senhora para o bem de toda a Igreja²⁷. Podemos aprofundar a nossa apreciação desse dom refletindo sobre o significado das vestes e roupas na Bíblia. Precisamos de roupa para nos proteger dos elementos (cf. Eclo. 29, 28); ela é uma bênção de Deus (cf. Dt. 10,18; Mt. 6, 28-30); simboliza todas as promessas divinas de restauração (cf. Bar. 5,1-4). Por fim, devemos estar revestidos de imortalidade (cf. 2Cor. 5, 3-4). Entretanto, enquanto isso, devemos estar revestidos do homem novo (cf. Col. 3, 10); de facto, devemos estar vestidos de Cristo (cf. Rm. 13,14). A nossa Regra recorda-nos que devemos estar revestidos da armadura de Deus²⁸. Essa armadura é quase totalmente defensiva, sendo que a única arma ofensiva é a espada da Palavra de Deus (cf. Ef. 6, 17). Assim, o Escapulário, olhado como vestimenta, recorda-nos a nossa veste batismal em Cristo, a nossa dignidade como membros do Carmelo de Maria e a nossa invulnerabilidade quando usamos a armadura de Deus.

28. Para apreciar o Escapulário, é necessário voltar o olhar para a nossa tradição e também olhar em redor, considerando as sensibilidades contemporâneas e as componentes culturais. A veste de Maria é um tema rico na espiritualidade das Igrejas, tanto oriental quanto ocidental. No Oriente, o véu ou manto de Maria é sinal de sua proteção; no Ocidente, o hábito de Maria é sinal de pertença. Ambos os aspetos se unem na reflexão de Santa Teresa Benedita da Cruz, Edith Stein. Ela fala

²⁷ Cf. Ibid n.5

²⁸ Regra 18 y 19.

do santo hábito da Mãe de Deus, o escapulário castanho, e diz que no dia 16 de julho damos graças à nossa querida Senhora por nos ter vestido com a veste da salvação, um sinal visível de sua proteção maternal²⁹. Santa Teresa de Jesus refere-se várias vezes ao “hábito de Maria³⁰”. Ela deleita-se em relatar a “armadilha” que a Virgem preparou para o Pe. Gracián, para que ele recebesse o seu hábito³¹, e observa: “É Seu costume favorecer aqueles que querem colocar-se sob sua proteção.”³²

29. A partir de sua profunda consciência de que o Hábito do Carmelo é o de Maria, Santa Teresa de Jesus deduz implicações concretas para a vida de seus membros, por exemplo: “Todas as que usamos este sagrado hábito do Carmo somos chamadas à oração e à contemplação³³” e à humildade³⁴. Seria fácil multiplicar referências semelhantes entre os santos e escritores espirituais do Carmelo a respeito do hábito carmelita.”³⁵

30. A nossa tradição demonstra a mais firme convicção de que o Hábito e o Escapulário não têm efeito salvífico se não reconhecermos o seu significado como o Hábito de Maria, que nos afilia à Família carmelita, e vivermos em conformidade com o seu exemplo. As verdades centrais, a serem consideradas, incluem a proteção de Maria, a sua intercessão na hora da nossa morte e depois desta. Da nossa parte, é necessária uma relação filial, ou fraterna, que expresse que somos seus irmãos e irmãs e que nos colocamos ao seu serviço para glória de seu Filho. O Escapulário é um sinal que nos conduz a tais relações.

31. No atual contexto, Maria mostra-nos como ouvir a Palavra de Deus nas Escrituras e na própria vida, como estar abertos a Deus e próximos das necessidades dos nossos irmãos e irmãs num mundo onde a pobreza, nas suas muitas formas, lhes rouba a dignidade. Maria também nos mostra o caminho da mulher para Deus e acompanha-nos como mulher que é, ícone da ternura de Deus, mulher que enfrentou muitas provações para cumprir a vocação que Deus lhe deu³⁶. Ela é sinal de liberdade e de libertação para todos os que, oprimidos, clamam a Deus³⁷. Pela nossa

²⁹ . "Sobre a História e o Espírito do Carmelo" in *Collected Works* (Washington: ICS, 1992) vol. 4, pp. 1 e 3.

³⁰ Cf. *Fundações* 28, 30 e 38; *Vida* 36, 6 e 28. Ver também S. Teresa de Lisieux, *História de uma Alma*, (Ms A 30v) "O Hábito da Virgem."

³¹ *Fundações* 23, 1-8.

³² *Fundações* 23, 4. Noutros lugares retoma o mesmo tema, de que as nossas vidas devem corresponder ao nosso hábito: 'Não tenho outro remédio senão recorrer a ela e confiar nos méritos de seu Filho e da Virgem, sua Mãe, cujo hábito indignamente trago e trazeis vós... Imitai-a e considerai quão grande deve ser a grandeza desta Senhora e o bem de tê-la por padroeira...' *Moradas* (3M 1, 3) in Ed. *Monte Carmelo*: ver *Fundações* 29, 31 "... uma coisa tão importante para a honra e glória de sua gloriosa Mãe, pois é de sua Ordem, como Senhora e Padroeira que é nossa."

³³ *Moradas*: 5M 1, 2.

³⁴ "Minhas filhas, pareçamo-nos nalguma coisa à grande humildade da Sacratíssima Virgem, cujo hábito trazemos" *Caminho de Perfeição* 13, 3.

³⁵ Assim o Beato Tito Brandsma, que, como a maior parte dos Carmelitas antes dele, desconhecia os problemas históricos associados à visão, falou do hábito como um 'sinal de devoção a Maria', tornando-se 'uma veste de sua especial proteção', de modo que 'as pessoas competiam entre si para pedir o hábito da Ordem, para viver ou morrer com ele. Ao receber o hábito da Ordem, asseguravam para si a ajuda maternal de Nossa Senhora'. Ele também retoma o tema de Santa Teresa de Jesus de que deveríamos imitar Maria; na verdade, ela deveria viver através de nós, para que o Carmelita se converta em outra Maria: 'Deus deveria ser concebido também dentro de nós mesmos e dado à luz por nós.' *Carmelite Mysticism: Historical Sketches*. Edición del 50 Aniversario (Darien: Carmelite Press, 1986), Conferencia 4, "Los Hermanos de nuestra Señora," pp. 32 y 34.

³⁶ Cf. Paulo VI Exortação, *Marialis cultus*, n. 37.

³⁷ Cf. João Paulo II, *Redemptoris Mater*, n. 37.

parte, o Escapulário é expressão da nossa confiança no cuidado de Maria. Ele mostra a nossa vontade de testemunhar a nossa adoção batismal e de sermos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs, bem como o nosso desejo de nos revestirmos das suas virtudes, do seu espírito contemplativo e da sua pureza de coração. Assim, revestidos por ela, nós, como ela, meditamos a Palavra e demonstramos que somos discípulos do seu Filho, dedicando-nos às obras do Reino de Deus: verdade e vida, santidade e graça, justiça, amor e paz³⁸.

32. Se, na nossa tradição, um significado essencial do Escapulário é estar revestido por Maria com o seu hábito, precisamos de garantir que este revestimento seja considerado verdadeiramente uma investidura. Este âmbito merece maior reflexão.

O Escapulário e o oferecimento

33. Quando renovou a consagração do mundo a Maria, na festa da Anunciação, no ano de 1984, o Papa João Paulo II usou a palavra “oferecimento”. Noutras ocasiões, falou de pertencer a Maria, de entrega, recomendação, serviço e colocar-se em suas mãos. No Carmelo de Maria, podemos ver que essa entrega confiada é algo muito particular e que há um chamamento à contemplação e à oração. Embora a consagração ou entrega a Maria possa ser muito útil quando se apresenta o Escapulário, muitas outras formas se encontram em todo o Carmelo. Muitos falam do Escapulário no contexto da evangelização. Receber o Escapulário pode ser um ponto crucial na história da conversão de indivíduos e comunidades. O Escapulário também pode ser visto no rico contexto da piedade popular, que foi aprovada pelo Papa Paulo VI na sua exortação apostólica sobre a evangelização, *Evangelii nuntiandi*³⁹, e recomendada pela Conferência Latino-Americana de Bispos (CELAM) em Puebla (1979)⁴⁰. Aqueles que usam o Escapulário expressam que não são autossuficientes e que precisam da ajuda divina, a qual, neste caso, procuram por meio da intercessão de Maria. Pelo Escapulário, chegam até Ela, que ocupa, na Santa Igreja, o lugar mais alto depois de Cristo, e, ao mesmo tempo, o mais próximo de nós⁴¹.

Um tesouro de família

34. Pelo que vimos até aqui, é evidente que o Escapulário é um dos tesouros da Família Carmelita. Ao falar sobre o Escapulário, devemos destacar a pertença à grande Família do Carmelo. Não seria apropriado revestir pessoas com o Escapulário sem uma explicação detalhada do que estão a receber. Considerando que o Escapulário é um símbolo, o seu significado deve ser cuidadosamente esclarecido. Em especial, é preciso ressaltar que quem o usa deve ter uma relação com Maria, e não apenas esperar favores dela. Se estamos revestidos com o hábito de Maria, também nos devemos esforçar para estar revestidos com as suas virtudes. O Escapulário é um dos nossos meios para conduzir as pessoas até Maria e, portanto, até ao seu Filho.

³⁸ Ver *Missal Romano*, Prefácio da Festa de Cristo Rei e Vat II, *Constituição sobre a Igreja*, LG 36

³⁹ N. 48 - AAS 68(1976) 37-38

⁴⁰ *Puebla. Evangelización en el Presente y en el Futuro de Latinoamérica. Conclusiones.* (Washington DC: Conferencia de los Obispos Católicos, 1979 - Slough UK: St Paul 1980) nn. 444-469, 910-915, 959-963.

⁴¹ Vaticano II, *Constitución sobre la Iglesia*, LG 54.

III. Conclusão

35. Como o Carmelo celebra, este ano, o Escapulário, temos uma oportunidade de refletirmos novamente sobre este dom e o seu significado. Há um rico pluralismo no Carmelo, que permite diferentes expressões da nossa herança mariana. Todos os carmelitas devem enfrentar o desafio — e, com certeza, receberão o dom do Espírito Santo — de inculturar o carisma e a herança do Carmelo. Podemos apenas pedir aos nossos frades, às comunidades das nossas irmãs e aos leigos que em oração pensem com criatividade sobre o dom do Escapulário. Acima de tudo, devemos procurar vincular o Escapulário à herança mariana que recebemos e ao serviço contemplativo e ativo da Igreja.

36. Que Maria, nossa Padroeira, Mãe e Irmã, nos cubra com o manto da sua especial proteção, para que, vestidos com o seu hábito, sejamos conduzidos à montanha sagrada, Cristo nosso Senhor, em cujo obséquio vivemos.

16 de maio de 2001

Festa de São Simão Stock, Aylesford, Inglaterra

Joseph Chalmers, OCarm – Prior Geral

Camilo Maccise, OCD – Superior Geral